

Paula Ferraro

O OUTRO LADO DO PROGRESSO.  
O OLHAR DE LIMA BARRETO E DE  
ROBERTO ARLT

## Resumo

Neste artigo se analisam as representações das cidades e sociedades de Buenos Aires e do Rio de Janeiro, no final do século XIX e começo do XX, através das crônicas de Lima Barreto, das *Aguafuertes* e dos romances *Os sete loucos* e *Os lança-chamas*, de Roberto Arlt. Nesses textos, veremos como os discursos por eles apresentados diferem do discurso oficial, que tentava impor uma imagem de progresso baseada nos avanços do conhecimento científico. A partir dessa ideia, as duas cidades foram remodeladas, porém, essas mudanças deixam entrever como e para quem se pensava a cidade. É notável que muitas das críticas que os escritores mencionados fazem são absolutamente atuais. A história algumas vezes se repete.

**Palavras-chave:** modernidade; crônicas; progresso; cidade; Arlt; Lima Barreto

## Resumen

En este artículo se analizan las representaciones de las ciudades y sociedades de Buenos Aires y Río de Janeiro, a finales del siglo XIX y principios del XX, a través de las crónicas de Lima Barreto, las *Aguafuertes* de Roberto Arlt, y las novelas *Los siete locos* e *Los lanzallamas*. En esos textos, veremos cómo los discursos que estos escritores presentan difieren del discurso oficial, que intentaba imponer una imagen de progreso basada en los avances del conocimiento científico. A partir de esa idea, ambas ciudades fueron remodeladas, sin embargo, esos cambios dejan entrever cómo y para quién se pensaba la ciudad. Es notable que muchas de las críticas que los escritores mencionados realizan son absolutamente actuales. La historia algunas veces se repite.

**Palavras-chave:** modernidade; crônicas; progresso; cidade; Arlt; Lima Barreto

Segundo o dicionário da *Real Academia Española*, “progreso” significa avanço, aperfeiçoamento; o *Aurélio*, por sua vez, define o termo como sinônimo de desenvolvimento de um país, região ou da civilização. O conceito refere-se, ainda, a um sentido de melhora na vida humana; no entanto, isso não acontece sempre, tampouco homogeneamente. No início do século XIX, as inovações técnicas mudam a vida drasticamente. As percepções do tempo, do espaço e do indivíduo adquirem outras características e as novidades enchem de curiosidade as pessoas. A ideia de “progreso” envolve os discursos; dele falam políticos, jornalistas, escritores, poetas, cientistas, etc. Eis o argumento que sustenta que a história é uma linha reta para a felicidade. Esse otimismo, porém, não contempla todos os fatos. Uma grande parte da população fica excluída dos benefícios e precisa buscar alternativas para sobreviver. Tanto Lima Barreto, em suas crônicas e romances, quanto Roberto Arlt, no *Aguafuertes*<sup>1</sup>, descrevem o outro lado do chamado “progreso”.

Buenos Aires e o Rio de Janeiro passaram por processos históricos similares. Durante o final do século XIX e o começo do século XX, os projetos políticos dos governos das duas cidades tiveram como objetivo a modernização das mesmas. Com o olhar na Europa, especialmente na França, foram realizadas uma série de modificações que se relacionavam com o “progreso”. A palavra *moderno* deriva do latim *modernus*, que significa “recente, atual”; assim, foram substituídas as construções coloniais por grandes prédios, avenidas largas, cafés, confeitarias e bulevares. No Rio, o morro do Castelo foi demolido, algumas regiões do centro foram aterradas e foram inauguradas a Avenida Central, o cais do Porto e o Teatro Municipal, entre outras obras. Buenos Aires, por sua vez, ampliou a rede ferroviária, a Avenida Corrientes foi alargada, abriram-se cinemas, teatros e cafés e, em 1913, começa a circular o metrô. Alguns outros avanços técnicos como o bonde elétrico, o automóvel, a câmara fotográfica e o cinema acompanharam os processos de mudança das duas cidades.

---

\* *Paula Ferraro* – Mestranda em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

<sup>1</sup> Arlt toma emprestado o termo *Aguafuertes* das artes pictóricas para definir as notas que publica no jornal *El Mundo* entre 1928 e 1933. A “aguafuerte” (em português, “água-forte”) é uma técnica de gravura sobre metal, fácil de reproduzir massivamente, além de barata. A eleição tem a ver, por um lado, com os temas tratados em um começo pelo escritor, notas que parecem pinturas de Buenos Aires; por outro, com as técnicas de produção e reprodução dos jornais, meio através do qual nasceram e foram publicadas as *Aguafuertes*.

Desde os tempos de Lima Barreto e Roberto Arlt até agora, as situações que eles narram mudaram pouco ou nada. As remoções que hoje estão sendo realizadas no Rio de Janeiro, a reforma do “Porto Maravilha” e a administração de terras públicas por organismos privados, a grande especulação imobiliária, a “higienização” contra os consumidores de crack e outras drogas, a exclusão dos trabalhadores informais, são alguns exemplos que ensinam como e para quem se pensa a cidade. Do outro lado do Rio da Prata, os múltiplos intentos do prefeito portenho, Mauricio Macri, de reduzir ao mínimo a saúde e a educação públicas, assim como a cultura, somada a alta inflação e o grande número de trabalho ilegal denotam o estado de Buenos Aires. Os subúrbios, as favelas e as *villas miseria*, destinos principais daqueles que ficam fora desses planos modernizantes, oferecem uma qualidade de vida precária. O sistema de serviços públicos (transporte, saúde, educação) é muito ruim, assim como as estruturas dos edifícios, e os moradores sofrem discriminação. Lima Barreto ironiza em “O prefeito e o povo”, por exemplo, as obras na cidade. Falando a respeito dos hotéis e hospedarias que tinham sido construídos, ele escreve: “Municipalidades de todo o mundo constroem casas populares; a nossa, construindo hotéis *chics*, espera que, à vista do exemplo, os habitantes da Favela e do Salgueiro modifiquem o estilo das suas barracas. Pode ser...” (BARRETO, 2004b, p. 295). Arlt assinala, de outro lado, em “El próximo adoquinado”:

Calles y más calles sin adoquinar. Usted camina ratos largos sin divisar el salvador adoquín. Hay casas que han envejecido. Chicos que se hicieron grandes allí. No importa. La Municipalidad o el gobierno o el diablo se olvidaron de que en esas calles vivían cristianos y cuando llueve se la regalo. Hay que entrar con zancos o con un hidroavión, pues de otra manera no hay caso de comunicarse con los vivientes<sup>2</sup> (ARLT, 1998, p. 105).

Em outras palavras, os benefícios desse chamado “progresso” atingem a uma parte da população apenas. A outra, com um poder aquisitivo menor, é ostentadamente ignorada.

---

<sup>2</sup> “Ruas e mais ruas sem paralelepípedos. Você caminha longos períodos sem divisar o salvador paralelepípedo. Há casas que envelheceram. Meninos que se tornaram adultos ali. Não importa. A prefeitura e o governo ou o diabo se esqueceram de que nessas casas viviam cristãos e, quando chove, é uma beleza. É preciso entrar com pernas de pau ou com um hidroavião, pois de outra maneira não há jeito de se comunicar com os moradores” (ARLT, 2013, 111).

Lima Barreto e Roberto Arlt percorreram tanto o centro das suas cidades quanto as margens; no seguinte trabalho, veremos como eles apresentaram essas experiências. Para isso, conheceremos, em primeiro lugar, as ideias principais do discurso modernizador e sua relação com o conhecimento científico e, segundo, estudaremos algumas mudanças realizadas nas cidades.

### Cidade, corpo doente. O discurso médico e a febre pelo anel.

Na modernidade, termina de se consolidar um discurso sobre a ciência e o progresso. O desenvolvimento dos saberes científicos contribuiu com as reformas antes aludidas, tanto proporcionando inventos que revolucionaram o mundo (como o telégrafo, o telefone, a estrada de ferro, o automóvel, a fotografia, o cinema), quanto através de pesquisas e de descobrimentos em outras áreas, como, por exemplo, a saúde. Afirma Vergara:

Nas últimas décadas do século XIX, a história da ciência, predominantemente escrita por cientistas e filósofos, estava preocupada em transmitir os processos de apreensão da ciência como via de expansão deste conhecimento. Este ponto de vista estava ancorado na crença de que *a ciência moderna era a grande dádiva do Ocidente para a humanidade e, portanto ensinar como se conhece o mundo por meio do método científico era o “verdadeiro” caminho para se alcançar o progresso* (VERGARA, 2005, p. 23, grifos nossos).

160

A ciência era, como vemos, indispensável para atingir o progresso e, do mesmo modo, melhorar as condições da existência humana. Partindo desse pensamento, foram realizados os primeiros intentos de democratização do acesso nas universidades, consideradas, segundo a autora, centros de formação e transmissão desse saber por excelência.

Diversas epidemias, como a febre amarela, a malária, a tuberculose, a cólera, parasitoses e outras doenças, propagaram-se nesse período tanto no Rio, quanto em Buenos Aires. A população de baixa renda foi culpada pelos outros sectores sociais, e tomaram-se medidas para “higienizar” as cidades. A “Revolta da Vacina”, ocorrida no Rio, foi a resposta à violência usada contra os supostos responsáveis por essas doenças. Como Pamplona descreve:

O Prefeito do Rio de Janeiro quis impingir novos hábitos à população, com uma série de proibições: a venda de comida nas ruas, feitas por ambulantes, quiosques ou *freguês*, o hábito de cuspir no chão dos bondes, a venda de leite ordenhado na hora de vacas puxadas de porta em porta, a criação de porcos nos limites urbanos, a exposição de carnes à entrada dos açougues, a vadiagem de cachorros soltos pelas ruas, a falta de pintura nas fachadas dos prédios, a presença de entrudos e cordões no carnaval. Inúmeros outros costumes passaram a ser considerados “incivilizados”. Ora, foi nesse período de intensa repressão aos hábitos da população que as “brigadas mata-mosquitos”, como ficariam conhecidas, resolveram atacar a febre amarela e a peste bubônica” (PAMPLONA, 2002, p.81).

Em Buenos Aires, por sua vez, o crescimento da população, devido principalmente ao grande número de imigrantes que chegaram ao país, trouxe alguns problemas. O amontoamento nos *conventillos*<sup>3</sup> e a estrutura precária das moradias permitiram o controle estatal, através de certas regulamentações. Decidiram-se assim os materiais das casas, a altura dos tetos, normas de limpeza básicas, até o tipo de camas. A mudança tinha que ser radical. Com o apoio do discurso científico, o planejamento urbano incluía, portanto, o “tratamento” da cidade como se fosse um corpo doente.

Lima Barreto assinala em “Os tais higienistas” a defasagem que existia, no Rio de Janeiro, entre a realidade e as teorias que se sustentam para combater as doenças. Dito de outro modo, o escritor chama a atenção sobre o fato de que os médicos da Saúde Pública esquecem ou desconhecem as causas verdadeiras dos problemas de higiene. Ele afirma:

O Senhor Chagas é o mais alto representante da presunção médica.

Ele julga que, se há tuberculose, é porque não se decreta tal e qual lei e não se põe a sua execução nas mãos dele e dos seus colegas; se há opilação é porque não se açoita o sujeito que anda descalço e não se fuzila o que não constrói fossos sépticos nos fundos do seu “tijupar” ou cousa que o valha; e assim por diante.

Todos os males da humanidade estariam curados se ela fosse governada por ditadores médicos, auxiliares acadêmicos, mata-mosquitos, etc., etc.

O equilíbrio de outras condições da vida atual com as necessidades da higiene, ele não vê.

---

<sup>3</sup> O equivalente do *conventillo* no Brasil seria o cortiço.

Não vê que é preciso dinheiro para se ter uma boa alimentação, vestuário, e domicílio, condições primordiais da mais elementar higiene [...] (BARRETO, 2002b, p. 237).

O narrador coloca a ênfase, portanto, nos conflitos econômicos que a maior parte da população brasileira tem. Ignorar esta situação impossibilita uma solução efetiva e em longo prazo.

O médico obtém um prestígio social, ligado a um lugar de poder, devido à superestimação dos títulos acadêmicos. Lima Barreto adverte repetidas vezes sobre a “doutomania” (2004b, p.153). Esse “mal” acontece em uma sociedade quando a posse do título se torna mais importante do que o conhecimento em si mesmo. Em “As teorias do doutor Caruru”, por exemplo, o escritor critica o esnobismo desse homem, que confia mais nas teorias estudadas do que no sentido comum para explicar as doenças:

Caruru armou-se de uma das tais réguas, enquanto um servente chorava. Aplicou-a aos pés do defunto e, pouco depois, exclamou triunfante:

- Vejam só! O pé direito mede quase mais um centímetro que o esquerdo. Não é o que eu dizia? É um degenerado! Essa assimetria dos pés...

O servente que chorava, interrompeu-o:

- Vossa Excelência só por causa dos pés do Senhor Murga não pode dizer isto. Ele não nasceu assim.

- Como foi então?

- Fui seu amigo e devo-lhe muitos favores. Eu conto a Vossa Excelência... “Seu” Murga teve um tumor no pé direito e foi obrigado a andar com chinelo num pé, durante cerca de dois meses, enquanto o esquerdo estava calçado. Naturalmente aquele aumentou enquanto o outro ficava parado. Foi por isso (BARRETO, 2004a, p. 249).

A hipótese do médico, como se vê, foi elaborada baseada nos livros, mantendo pouco diálogo com o resto do mundo. Essa falta de comunicação tem a ver com o lugar assumido pelo médico na sociedade, como se ele fosse superior. É um olhar que se pretende mais além do que os outros. Porém, o discurso médico é só isso: um discurso. Não é mais ou menos importante do que outros, nem mais ou menos verdadeiro. Ele é feito pelos homens, por isso é tanto certo quanto errado.

Outro exemplo que demonstra a falta de sentido da realidade que os médicos às vezes manifestam aparece em “O motivo da zanga”:

Ele se dirigiu a mim.  
- Não bebas essa água, Sebastião...  
- Por que, doutor? – fiz eu, parando.  
- Porque ela tem bacilos do tifo, da disenteria, da...  
- O doutor me dá uma mais pura? – perguntei.  
- Não, porque eu não posso.  
- Pois então, meu caro doutor, bebo dela mesmo.  
Daí em diante, ficamos zangados, com grande pesar meu.  
(BARRETO, 2004b, p.327)

Neste caso, o narrador coloca à ênfase no fato de que uma parte da população precisa satisfazer as necessidades básicas do modo que seja, tendo que desatender às recomendações sanitárias.

Ser doutor implica, por conseguinte, além de uma posição econômica melhor, um reconhecimento que está quase no mesmo nível do que a nobreza. “Os exames, os doutores, os bacharéis, os médicos, toda essa nobreza doutoral que nos domina e apoia os negociastas, é o maior flagelo desta terra que os utopistas querem seja o paraíso terrestre” (BARRETO, 2004a, p.176), opina ele na crônica “Os exames”. Essa diferenciação social é, para o autor, mais um motivo para afirmar sua negação de tomar parte do grupo. A multa que um médium espírita recebeu por receitar remédios homeopáticos às pessoas que o procuravam revolta-o, porque através dessa ação se consolida a ideia de que o único conhecimento válido é o ocidental. Declara assim em “O médico e os espíritas”:

A medicina é importante atividade intelectual, mas não é a única importante e não chegou a tal ponto de perfeição que os médicos tenham na cabeça ou nos livros as leis que regem as moléstias e a sua cura e a organização do Universo.

Se eles fossem verdadeiramente cientistas haviam de ter dúvidas e nunca tentariam estabelecer na Terra a ditadura dos médicos [...] (BARRETO, 2004b, p. 334).

Lima Barreto lembra ainda que a origem dessas doenças tem relação com a pobreza e as insuficientes políticas de saneamento que se aplicam, como vimos:



Se assim é, o que o bom senso, embora eu não seja grande adepto, está a mostrar é que nós nos devemos preocupar em acabar com a miséria, com a pobreza, e não aumentá-las com impostos e com ostentações munificentes de sultões, de vizires e de paxás, para depois de transformar a miséria e a epidemia, criarmos luxuosas repartições encarregadas de espalhar paliativos com apoio de medidas tirânicas e vexatórias (BARRETO, 2004b, p.335).

O problema ainda permanece: os governos não resolvem os conflitos mais básicos e estruturais. E os pobres, que mal conseguem ter acesso ao sistema público de saúde, ficam sem opções.

Enquanto o centro da cidade está sendo totalmente remodelado, outras regiões, como a suburbana, carecem de investimentos. A ausência do Estado repercute em uma série de situações graves, cuja consequência final é a marginalização geográfica e econômica. O transporte ruim não permite um intercâmbio mais fluido entre esses espaços da cidade. Os barracões aumentam, assim como as ameaças de uma epidemia<sup>4</sup>. De outro lado, as obras propostas na época não consideram as necessidades da população, mas o interesse "megalomaniaco" dos governantes. Desse modo, privilegia-se a monumentalidade e elegância acima de tudo. Lima Barreto afirma, sobre as reformas, que: "Não há casas, entretanto queremos arrasar o morro do Castelo, tirando habitação de alguns milhares de pessoas" (BARRETO, 2004b, p. 207). O "progresso", portanto, é usufruído somente para um grupo reduzido de pessoas que habitam a cidade.

164

### Cidade deslumbrante ou máquina infernal. Sentimentos ambíguos

Com a experiência da Primeira Guerra Mundial, principalmente, a ideia que se tinha construído sobre o conhecimento científico começa a mudar. A perda da fé no "progresso" se reflete também na arte em geral. Porém, nas obras de Roberto Arlt, a representação desse saber aparece de uma maneira ambígua. O escritor

---

<sup>4</sup> "Há verdadeiros aldeamentos dessas barracas, nas coroas dos morros, que as árvores e os bambuais escondem aos olhos dos transeuntes. Nelas, há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população, pobríssima, vive sob a ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo" (BARRETO, 1961, p, 115)

manifesta curiosidade e fascínio pelos avanços técnicos e científicos, no entanto, ele não desconhece as consequências negativas que os mesmos provocam.

Nas *Aguafuertes*, Arlt festeja, a princípio, as mudanças da cidade. O velho precisa ser destruído para dar lugar, desse modo, ao novo. Como explica em “No me hablen de antigüedades”:

Estatuas, iglesias antiguas y todos los cachivaches del otro siglo, me dejan perfectamente indiferente. No me interesan. Creo que no le interesan a ningún argentino. Aburren, seamos sinceros. Para nosotros, que tenemos los ojos acostumbrados a la línea de los automóviles, ¡qué diablos nos puede decir un arco o un ábside! Seamos sinceros<sup>5</sup> (ARLT, 2013, p.141).

O novo representa, para ele, a superação do passado, ligado não só ao atraso colonial, mas também a uma dependência cultural e econômica.

Essas mudanças que a cidade experimenta permitem, por exemplo, que o dia permaneça ainda durante a noite, devido à luz elétrica. Torna-se possível, portanto, percorrer as ruas nessas horas, livres ainda de um olhar moralizante. O escritor assinala, em “Corrientes por la noche”, que:

Mientras las otras calles honestas duermen para despertarse a las seis de la mañana, Corrientes, la calle vagabunda, enciende a las siete de la tarde todos sus letreros luminosos y, engrimaldada de rectángulos verdes, rojos y azules, lanza a las murallas blancas sus reflejos de azul de metileno, sus amarillos de ácido pícrico, como el glorioso desafío de un pirotécnico<sup>6</sup> (ARLT, 1998, p. 230).

Essa avenida deve sua existência, sem dúvida, à modernidade. Arlt, flâneur portenho, adora tanto se perder nas ruas noturnas, quanto a mistura que observa nelas. Apesar das calçadas estreitas, cheias de entulhos e dos canos de esgoto, ela

---

<sup>5</sup> “Estátuas, igrejas antigas e todas as bagatelas do outro século, me deixam perfeitamente indiferente. Eu não tenho interesse nelas. Eu acho que nenhum argentino tem interesse nelas. São chatas, temos que ser sinceros. Para nós, que temos os olhos acostumados à linha dos carros, o que diabos pode significar para nós um arco ou uma abside! Temos que ser sinceros” (tradução minha).

<sup>6</sup> “Enquanto as outras ruas dormem para acordar às seis da manhã, Corrientes, a rua vagabunda, acende às sete da tarde todos os seus cartazes luminosos e, coberta de retângulos verdes, vermelhos e azuis, joga nos muros brancos os seus reflexos de azul metileno, os seus amarelos de ácido pírico, como o glorioso desafio dum pirotécnico” (tradução minha).

tem um *charme*: ‘una humanidad única, cosmopolita y extraña se da la mano en este desaguadero que tiene la ciudad para su belleza y alegría’ (ARLT, 1998, p. 231).

Como assinala Saítta, a partir dos anos 30 aproximadamente, as notas de Arlt passam de ser simples impressões para virar denúncias dos conflitos socioeconômicos da província de Buenos Aires. Devido ao sucesso que ele tinha, sendo seu nome reconhecido, consegue resultados. É por esse motivo que, em 1934, começa a percorrer os *arrabales* em companhia de um fotógrafo. Esse último fato é importante, porque expressa o interesse do jornalista pelos avanços técnicos, através da incorporação deles no seu trabalho. Nessa pesquisa pelos subúrbios portenhos, registra as desigualdades e constrói a frase “a los del centro, todo; a los de la orilla, nada”<sup>8</sup> (SAITTA, 2008, p. 88). Assim, em “Calles terribles”, ele coloca a ênfase em uma paisagem cheia de tapumes quebrados, calçadas acidentadas, com um cheiro nojento que provem do Riachuelo: água podre. O pior é pensar no que acontece quando chove, pois a água sobe e alaga o bairro. O objetivo dele nestas notas não é questionar o conhecimento científico, mas mostrar as desigualdades desse “progresso”. A crítica é contra os governos ruins.

Mesmo no centro da cidade, o jornalista comprova o abandono dos governantes. A respeito da Avenida que nasce da canalização do arroio Maldonado diz o seguinte: “La calle del Gato Muerto (de alguna forma hay que llamarla) se parecería a una calle de campo, Campo Mayor, si no la adornaran elementos de desecho. (...) hay un cerro compuesto de alambres, chapas, hierro viejo, colchones, etc”<sup>9</sup> (ARLT, 1998, p. 291). A descrição inclui metáforas de uma “natureza urbana”, feita de dejetos industriais e lixo da cidade.

De outro lado, o campo e os vilarejos. Esses espaços são apresentados como espaços de refúgio contra o caos da cidade. As pessoas descobrem neles a calma, o silêncio, o sol, a vida “más pura” (ARLT, 1998, p. 235), a liberdade. Em “Pueblos de los alrededores”, o narrador declara:

---

<sup>7</sup> “Uma humanidade única, cosmopolita e estranha entende-se as mãos neste bueiro que a cidade tem para a sua beleza e alegria” (tradução minha).

<sup>8</sup> “Para os [moradrces] do centro, tudo; para os [moradores] das margens, nada” (tradução minha).

<sup>9</sup> “A rua do Gato Morto (de algum jeito a gente tem que chamar essa rua) parecia uma rua de campo, Campo Mayor, se não fosse pelos elementos de dejetos (...) tem um cerro composto de arames, chapas, ferro velho, colchões, etc” (tradução minha).

Qué lindo sería vivir en un pueblo de estos, escuchar el toque de campanas, saludarlo al cura, ser amigo del farmacéutico, tener una novia a la que se visita en día fijo mientras las amigas le lanzan indirectas...! (...) Y es que estos pueblos son el apeadero de la ciudad que necesita soñar<sup>10</sup> (ARLT, 1998, p. 238).

No entanto, depois de esquecer um pouco esse ritmo louco da cidade, Arlt precisa voltar à urbe. Ele conclui que “estos pueblos son el apeadero de la ciudad que necesita soñar”<sup>11</sup> (ARLT, 1998, p. 238).

No campo está o autenticamente argentino, “genuinamente criollo” (ARLT, 1998, p. 233). Sobre os “*gauchos*”, opina o narrador que eles são “hombres de otra civilización. De una civilización que nosotros, desdichadamente, no podemos asimilar”<sup>12</sup> (ARLT, 1998, p. 234). Tudo, nesse espaço, é idealizado. As manhãs de Mataderos, por exemplo, “son puras y espléndidas. Estallan sobre los galpones y la mugre y los charcos de sangre y las bestias amontonadas en los bretes, como un entoldado de nácar”<sup>13</sup> (ARLT, 1998, p. 234); os *boliches*<sup>14</sup> “no son los asquerosos cafetines de La Boca o del antiguo Paseo de Julio. No. Estos son bodegones grandes y limpios, con mozos fornidos y sonrojados; con patrones que tienen manos velludas y que son diestros para la sartén, el brasero y el mate”<sup>15</sup> (ARLT, 1998, p. 234). O campo é, desse modo, o lugar onde a imaginação consegue se libertar, uma viagem em um outro tempo mais tranquilo.

Em *Os sete loucos* e *Os lança-chamas*, porém, a cidade representada é muito mais opressiva do que aquela definida nas *Aguafuertes*. Segundo o Buscador de Ouro, as cidades são “los cánceres del mundo. Aniquilan al hombre, lo moldean cobarde, astuto, envidioso, y es la envidia la que afirma sus derechos sociales, la envidia y la cobardía”<sup>16</sup> (ARLT, 2000, p. 177). Elas asfixiam os homens.

---

<sup>10</sup> “Que bonito sería morar num povoado desses, escutar o toque dos sinos, cumprimentar ao padre, ser amigo do farmacêutico, ter uma namorada para visitar em dia fixo enquanto as amigas lhe falam indiretas...! (...) E é que esses povoados são o albergue da cidade que precisa sonhar” (tradução minha).

<sup>11</sup> “[...] estes vilarejos são o albergue da cidade que precisa sonhar”.

<sup>12</sup> “Homens de outra civilização. De uma civilização que nós, infelizmente, não podemos assimilar” (tradução minha).

<sup>13</sup> “São puras e esplêndidas. Explodem sobre os galpões e a sujeira e as poças de sangue e as bestas amontoadas nas enrascadas, como num toldo de nácar” (tradução minha).

<sup>14</sup> Parecido com o botequim carioca.

<sup>15</sup> “Não são os nojentos botequins de La Boca o do antigo Paseo de Julio. Não. Estas são as tabernas grandes e limpas, com moços fornidos e cor-de-rosa; com patrões que têm mãos veludas e que são destros para a frigideira, o braseiro e o chimarrão” (tradução minha).

<sup>16</sup> “[...] os cânceres do mundo. Aniquilam o homem, o fazem covarde, astuto, invejoso, e é a inveja

Para superar essa sensação, a proposta é destruir Buenos Aires, essa “ciudad canalla” (ARLT, 2000, p. 29) e começar, assim, uma nova sociedade - que, no fundo, é uma versão, menos hipócrita e mais cínica, da atual-. A intervenção da ciência é necessária para essa fundação, porque a guerra química contribuiria no extermínio do maior número possível de seres humanos.

Para superar a angústia que esse presente gera, os personagens se refugiam em um futuro, “futuro en un campo verde, no en una ciudad de ladrillo. Que todos los hombres tengan un rectángulo de campo verde, que adoren con alegría a un dios creador del cielo y de la tierra”<sup>17</sup> (ARLT, 2000, p. 305). A esperança, embora nem sempre se mantenha firme, está longe de Buenos Aires. O mundo capitalista, para os personagens dos romances, já não tem retorno, não pode ser modificado.

O conhecimento científico se apresenta, conseqüentemente, contraditório. De um lado, ele contribui tanto para uma renovação dos hábitos das pessoas na cidade quanto para alguns avanços na qualidade de vida. Mas, de outro, também é uma ameaça para a humanidade, já que um dos fins do seu uso é o extermínio. O “progresso” sempre terá aspectos positivos e negativos a serem considerados.

### Considerações finais

A cidade pela qual transitamos todos os dias nunca é uma única cidade. É possível, pelo menos, desdobrá-la em duas: de um lado, a real, de outro, as imaginadas. O ponto de vista de cada indivíduo está atravessado pelas experiências pessoais, mas também pelo contexto no qual se insere. Dessa maneira, a origem (tanto individual quanto social) e a época contribuem para a criação do olhar das pessoas. Conhecemos o mundo através das representações que conseguimos fazer dele.

O pensamento científico contribuiu com as transformações da cidade moderna; porém, através dele se legitimou a segregação que acompanhou esse

---

quem afirma os seus direitos sociais, a inveja e a covardia” (tradução minha).

<sup>17</sup> “Futuro em um campo verde, não em uma cidade de tijolo” (tradução minha).

processo. Tanto Arlt quanto Lima Barreto discutem nas suas obras o lugar que o discurso positivista tem na sociedade, assim como as ações que se sustentam nele. Desse modo, ambos colocam em questão esse lugar de verdade absoluta que se lhe atribui.

Os escritores trazem imagens de Buenos Aires e do Rio de Janeiro que se opõem àquela que os governantes das duas cidades queriam apresentar. O centro, as margens, o campo, cada espaço convive num mesmo tempo com o outro. Através das cenas que ambos os escritores descrevem, constroem-se outros fragmentos para o caleidoscópio que se interpõe entre nós e a possível “cidade real”.



## REFERÊNCIAS

- ARLT, Roberto, **Obras. Tomo II**, Buenos Aires: Losada, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Los siete locos y Los lanzallamas**, Francia: Colección Archivos, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Águas-fortes portenhas seguidas por Águas-fortes cariocas**. São Paulo: Iluminuras, 2013.
- LIMA BARRETO, Afonso Henriques. **Toda Crônica**. Beatriz Resende e Rachel Valença (org). Rio de Janeiro: Agir, 2004. Volume I e volume II.
- \_\_\_\_\_. **Diário de hospício/Cemitério dos vivos**, Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Clara dos Anjos**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.
- BARBOSA, Francisco de Assis, **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- CANDIDO, Antônio, "A vida ao res-do-chão". In: \_\_\_\_\_. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. 1992.
- CRARY, Jonathan, **Técnicas do observador: Visão e modernidade no século XIX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- DIAS, André, **Lima Barreto e Dostoiévski. Vozes dissonantes**, Niterói: editora da UFF, 2012.
- FOUCAULT, Michel, **O poder psiquiátrico**, São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- RESENDE, Beatriz (org), NEVES, Margarida de Souza, DIAS, Ângela, SZKLO, Gilda Salem, PAIXAO, Sylvia, LINS, Vera, PEREIRA, Victor Hugo Adler, GOMES, Renato Cordeiro, **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- SARLO, Beatriz, **Una modernidad periférica. Buenos Aires 1920-1930**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1988.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SCLIAR, Moacyr; Pamplona, Marco; Thompson Rios, Miguel Angelo; Soares de Souza, Maria Helena, **Saúde pública: histórias, políticas e revolta**. São Paulo, Scipione, 2002.
- SAITTA, Sylvia, **El escritor en el bosque de ladrillos**. Buenos Aires: Sudamericana, 2008.
- SINGER, Ben, "Modernidade, hiperestimulo e o início do sensacionalismo popular", em **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- VERGARA, Moema de Rezende, "Ciência e modernidade no Brasil: a constituição de duas vertentes historiográficas da ciência no século XX". In: \_\_\_\_\_. **Revista Da SBHC**. Rio de Janeiro, jan./jun. 2004. V. 2, n. 1, p. 22-31.